

Coleção Casa das Histórias Paula Rego

Curadoria: Catarina Alfaro

4 de novembro a 19 de junho (Salas 1 a 7)

A Coleção da Casa das Histórias Paula Rego (CHPR), propriedade da Câmara Municipal de Cascais, surge no panorama museológico português em setembro de 2009 e desde então tem-se assumido, no contexto nacional e internacional, como uma das mais significantes para o conhecimento da obra da artista. Esta Coleção, que reflete grande parte do percurso criativo de Paula Rego, é constituída pela doação da artista da totalidade da sua obra gravada e por mais de duas centenas de desenhos. As várias doações da artista ao Museu realizaram-se em quatro períodos distintos: a primeira em 2009 e que originou parte essencial da Coleção; em 2016, 2019 e 2020 com a atribuição das restantes obras gravadas produzidas entre 2009 e 2020. A Coleção alberga ainda treze obras (pintura, escultura, têxtil) de colecionadores particulares e públicos a título de depósito no museu monográfico dedicado à artista contemporânea portuguesa mais conhecida mundialmente.

Nas mais de vinte exposições dedicadas à obra de Paula Rego realizadas entre 2009 e 2021 na CHPR aprofundaram-se períodos específicos da sua vasta produção (anos 1960, 1970, 1980) ou optou-se por apresentá-la de acordo com critérios temáticos (algumas vezes em estreita relação com obras de outros artistas ligados ao seu universo figurativo) ou mesmo técnicos, como será exemplo a exposição *Looking In*, dedicada à obra gravada da artista, em 2019. Estas exposições, de caráter temporário, integraram sempre, para além dos empréstimos de obras de colecionadores públicos e privados, obras da Coleção da CHPR.

Esta nova exposição da Coleção destaca, nas salas 2 e 3, um núcleo fundamental de pinturas depositadas no Museu de coleções particulares e institucionais e que passaram a integrar o seu acervo, celebrando a boa colaboração entre os colecionadores e esta instituição. Este conjunto de obras vem preencher algumas lacunas da Coleção e permite uma visão de conjunto da produção pictórica da artista dos anos 1960 aos anos 2000. Algumas destas pinturas têm um historial expositivo descontínuo ou mesmo inexistente. *Fim de setembro* (c. 1960-61) integrou a sua primeira exposição individual, em Lisboa, em dezembro de 1965, na Galeria de Arte Moderna da Sociedade Nacional de Belas-Artes. Durante algumas décadas esta obra esteve longe dos olhares do público, reaparecendo no Museu Municipal Carmen Miranda (Município do Marco de Canaveses). *Olá. Como está?* (1960) data também do início do percurso artístico de

Rego. Durante essa época, a sua abordagem figurativa, aparentemente caótica, serve a necessidade de expressar as suas emoções. A utilização de uma técnica plurimaterial, no sentido em que envolve a justaposição de materiais heterogéneos — tintas, papéis recortados e colados sobre a tela, delimitando as figuras através da linha e deixando outras áreas como que suspensas —, é o reflexo da necessidade de responder honestamente às exigências complexas da sua psique. A tridimensionalidade conferida a estas obras revela-se imprescindível para dar aos problemas concretos uma existência própria, com a correspondente espessura material que lhes confere tangibilidade na pintura. A sua imagética pessoal é, assim, criada para expressar as suas emoções e sensações extremadas e reflete a dimensão complexa das questões com que se debateu durante o seu crescimento e início da sua vida adulta: a rigidez da realidade política e social de um regime ditatorial, manifestamente patriarcal e católico, em que as sensações do medo, da ansiedade e da raiva se impunham e às quais sentiu necessidade de responder ou procurou confrontar através da pintura.

O cerco (1976) é uma das pinturas em destaque nesta exposição. De acordo com as informações do seu proprietário, a obra nunca terá sido exposta e a sua apresentação conjunta com obras dos anos 1960 e 1980 permite acompanhar a evolução criativa da artista e o modo como a sua linguagem figurativa muda de contornos. Remetendo para um episódio da história de Portugal — o Cerco de Lisboa de 1384 imposto pelas forças de Castela —, a obra transmite uma tensão trágica que reflete a história pessoal de Paula Rego, o seu isolamento artístico e a deceção sentidos no rescaldo da Revolução de 25 de Abril de 1974 em Portugal. Na sua correspondência com Alberto de Lacerda, Rego constata o anacronismo das páginas artísticas e literárias dos jornais portugueses, traduzido em análises edificantes sobre o neorrealismo. A falsa atualidade desta corrente artística suscita na artista um sentimento de cansaço: "Só se fala em desmistificação e eu achava bem que se desmistificasse o neorrealismo, será possível que haja alguma possibilidade de se fazerem 'obras realistas'?". Rego expressa uma vivência de Lisboa e do país marcada pela repressão ideológica, por uma outra forma de controlo e atavismo. Os problemas financeiros e o agravar da doença do marido terão igualmente contribuído para a sua tristeza, sentindo-se cada vez mais isolada e alimentando a esperança de regressar definitivamente a Londres, o que acontecerá precisamente durante 1976, após a atribuição de uma bolsa com a duração de dois anos, pela Fundação Calouste Gulbenkian. Durante esta década, e sobretudo nos anos de 1980, passa a utilizar tinta acrílica, mais de acordo com o seu método de trabalho espontâneo; este material e o seu impulso compulsivo para

desenhar permitem-lhe explorar, de forma diferente, a cor no sentido global da composição. Surgem cores vívidas, como o roxo e o verde, que marcavam também as últimas tendências da moda londrina. Do plano de fundo destacam-se criaturas fantásticas que remetem para um universo onírico e são desenhadas, recortadas e coladas sobre uma arquitetura dominada por escadarias e casas sobrepostas que sugerem a colina de Lisboa onde o episódio do cerco terá acontecido.

A Coleção CHPR é composta maioritariamente por obras realizadas nos anos 1980. Durante esta década, Rego manifesta a sua vontade de libertação artística, de “fazer mais diretamente”. A presença e o confronto com as suas emoções através da pintura desencadeiam-se quando estabelece uma linguagem visual radicalmente nova para contar as suas histórias, criando um universo complexo e ambíguo em que os animais são criaturas com qualidades e comportamentos humanos, atiradas para situações peculiares, dramas vívidos que invadem ruidosamente a pintura. Este novo fôlego criativo acontece num espaço de liberdade e de interação com a realidade que é finalmente recuperado em Londres, coincidindo com o seu reconhecimento artístico neste país. Na execução destas obras, Rego adota uma metodologia de total liberdade, rapidez e fluidez. Este processo sem hesitações garante-lhe a expressão emotiva do desenho — despojada de condicionamentos académicos — e a sua continuidade sem qualquer possibilidade de autocensura, próxima da sua infância e das referências visuais dessa época, entre as quais as ilustrações da revista espanhola *Blanco y Negro*, colecionada pelo seu avô.

A atual exposição estabelece uma nova e estimulante leitura da Coleção, criando uma renovada apresentação do trabalho da artista, valorizando obras menos conhecidas e que habitualmente se encontram nas reservas do museu. Apresentam-se aqui desenhos soltos e cadernos de desenho da artista, alguns deles nunca vistos publicamente. Excluíram-se desta apresentação da coleção as séries completas de gravura já recentemente apresentadas (“Nursery Rhymes”, 1989, “Jane Eyre”, 2001-02, ou “Peter Pan”, 1992, entre outras). No entanto, e tendo em consideração a importância da série “Mutilação genital feminina”, e também por constituir uma das últimas doações da artista, optou-se por apresentá-la na última sala do museu. O impulso de revelação e confronto com a dura realidade social que caracteriza a obra de Paula Rego estará na origem desta perturbadora série de seis gravuras a águia-forte e águia-tinta. Através delas, a artista expõe um problema social terrível, com contornos religiosos, que atinge sobretudo as meninas entre o nascimento e a puberdade, dando-lhe um tratamento autónomo através da técnica

da gravura. Esta prática ritualista silenciada é realizada em vinte e sete países africanos, no Iémen e no Curdistão iraquiano, sendo também comum na Ásia, no Médio Oriente e em comunidades expatriadas por todo o mundo, como Inglaterra, onde a artista vive. O procedimento varia consoante o grupo étnico, visando remover fisiologicamente a origem da libido e assim prevenir comportamentos sexuais inapropriados, sendo considerado pelas sociedades que o praticam um meio eficaz de manter a mulher longe da mácula e a sua honra intocável. A maior parte das vezes, o ato cirúrgico em que a mutilação consiste é executado num ambiente improvisado, em condições não higiénicas, acabando por resultar na morte das crianças. A este flagelo real Paula Rego faz corresponder imagens irreais, criando as terríficas cenas que o tema exige e que obedecem a uma construção estética própria do terror ou que derivam de um olhar preso dentro do mais horrível pesadelo, retratando o processo num cenário despojado que destaca a monstruosidade transfigurada de algumas das personagens que executam a mutilação. Estas feiticeiras da morte, com as suas caveiras descarnadas e sorridentes, muito próximas das pinturas e gravuras de James Ensor que Rego muito admira, exibem os seus membros desproporcionados e o sexo monstruoso, executando o macabro ritual com a cumplicidade das mães — também elas violentadas na mesma idade. As crianças estão completamente indefesas e o seu olhar é de súplica. As que já foram sujeitas à mutilação surgem inanimadas, cosidas e atadas, como na água-forte que se intitula, justamente, *Cosida e atada*. A única imagem de conforto, de uma aparente fuga ao destino trágico, surge na última das gravuras desta série, precisamente intitulada *Fuga*.